

O FUTURO DO TRABALHO SOB A LENTE DA PSICODINÂMICA: ENTRE A UBERIZAÇÃO E A BUSCA POR SENTIDO

THE FUTURE OF WORK THROUGH THE LENS OF PSYCHODYNAMICS: BETWEEN UBERIZATION AND THE SEARCH FOR MEANING

Saulo Martins¹

Paula Cristina de Oliveira Ferreira Corrêa²

Maria Zilda Vaz³

RESUMO: Este artigo analisa o futuro do trabalho a partir da Psicodinâmica do Trabalho, com foco na forma como sofrimento, reconhecimento e construção de sentido são reconfigurados em contextos marcados pela inteligência artificial, pela uberização e pela intensificação das demandas laborais. Foram examinados quinze estudos recentes que abordam plataformas digitais, saúde mental, intensificação do trabalho, tecnologias epistêmicas e reorganização produtiva. Utilizou-se a Revisão Teórica Crítica como metodologia, permitindo articular perspectivas diversas e identificar convergências, tensões e lacunas ainda pouco exploradas pela literatura. A análise revelou que as transformações contemporâneas ampliam a instabilidade simbólica e fragilizam os vínculos identitários dos trabalhadores, produzindo impactos que ultrapassam o ambiente laboral e atravessam a vida cotidiana. A partir desse conjunto de evidências, o estudo propõe cinco contribuições conceituais inéditas: erosão narrativa do trabalho, orfandade simbólica, campo afetivo expandido do sofrimento, deslocamento epistêmico da competência e reconhecimento fraturado. Essas categorias permitem compreender de maneira mais profunda como a subjetividade é afetada por sistemas automatizados, processos de avaliação algorítmica e novas formas de controle. Conclui-se que o futuro do trabalho não pode ser reduzido às mudanças tecnológicas, mas precisa ser interpretado como fenômeno subjetivo, social e político que redefine a experiência humana na atividade laboral. O artigo contribui para ampliar o diálogo entre Psicodinâmica do Trabalho, tecnologia e estudos sobre o futuro do trabalho, oferecendo subsídios teóricos para pesquisas e intervenções que valorizem o sujeito e sua saúde mental.

Palavras-chave: Psicodinâmica do Trabalho. Futuro do trabalho. Uberização. Inteligência artificial. Subjetividade.

¹Mestre em Gestão, Educação e Tecnologias, professor. Universidade Estadual de Goiás (UEG).

²Mestre em Gestão, Educação e Tecnologias, professora municipal. Universidade Estadual de Goiás (UEG).

³Mestra em Gestão, Educação e Tecnologias, Analista de Desenvolvimento Social Universidade Estadual de Goiás (UEG).

ABSTRACT: This article examines the future of work through the theoretical framework of Work Psychodynamics, focusing on how suffering, recognition, and meaning-making are reconfigured in contexts shaped by artificial intelligence, uberization, and the intensification of labor demands. Fifteen recent studies were analyzed, encompassing digital platforms, mental health, work intensification, epistemic technologies, and productive restructuring. A Critical Theoretical Review was adopted as the methodological approach, enabling the articulation of diverse perspectives and the identification of convergences, tensions, and gaps that remain underexplored in the literature. The analysis revealed that contemporary transformations deepen symbolic instability and weaken workers' identity bonds, generating effects that extend beyond the workplace and permeate everyday life. Based on these findings, the study proposes five original conceptual contributions: narrative erosion of work, symbolic orphanhood, expanded affective field of suffering, epistemic displacement of competence, and fractured recognition. These categories offer deeper insight into how subjectivity is affected by automated systems, algorithmic evaluation processes, and new forms of control. The study concludes that the future of work cannot be reduced to technological change but must be understood as a subjective, social, and political phenomenon that redefines human experience within labor activities. This article contributes to advancing the dialogue between Work Psychodynamics, technological transformations, and future-of-work studies, providing theoretical tools to support research and interventions that value workers' dignity and mental health.

Keywords: Work Psychodynamics. Future of work. Uberization. Artificial intelligence. Subjectivity. 2

INTRODUÇÃO

As transformações recentes no mundo do trabalho têm provocado alterações profundas na forma como os sujeitos se relacionam com suas atividades, constroem significados sobre si mesmos e elaboram expectativas sobre o futuro profissional. A expansão da inteligência artificial, o avanço da automação, a crescente presença das plataformas digitais e a reorganização produtiva fundamentada na lógica da uberização configuram um cenário no qual o trabalho se torna mais instável, fragmentado e submetido a novas formas de controle. Ao mesmo tempo, a intensificação das exigências, a ampliação das jornadas e a dissolução das fronteiras entre vida pessoal e profissional expandem o campo de incidência do sofrimento, produzindo impactos que ultrapassam o espaço físico das organizações.

Nesse contexto, a Psicodinâmica do Trabalho oferece uma lente teórica fundamental para compreender como sofrimento, reconhecimento e busca por sentido se reconfiguram diante das novas exigências sociais e tecnológicas. Essa abordagem permite analisar como o trabalhador tenta manter sua identidade, seu valor e sua saúde mental em ambientes marcados

por algoritmização, instabilidade e fragilidade simbólica. Entretanto, apesar dos avanços da literatura, ainda existem lacunas importantes. A maior parte dos estudos sobre inteligência artificial e plataformas digitais enfatiza impactos econômicos, jurídicos ou operacionais, dedicando menor atenção às repercussões subjetivas e simbólicas que atravessam a experiência do trabalhador. Do mesmo modo, pesquisas sobre sofrimento laboral frequentemente reconhecem transformações contemporâneas, mas nem sempre articulam esses achados às mudanças estruturais do futuro do trabalho.

Diante dessa lacuna, o problema que orienta este estudo pode ser formulado da seguinte maneira: como as transformações tecnológicas, organizacionais e socioprodutivas influenciam o sofrimento, o reconhecimento e a busca por sentido no trabalho contemporâneo, quando analisadas sob a ótica da Psicodinâmica do Trabalho? Esse problema se desdobra na necessidade de compreender de que forma a inteligência artificial, a uberização e a intensificação do trabalho reconfiguram as bases simbólicas que sustentam o vínculo entre o sujeito e sua atividade, afetando sua narrativa identitária e sua possibilidade de construção de sentido.

Com base nesse problema, o objetivo geral deste artigo é analisar o futuro do trabalho sob a perspectiva da Psicodinâmica do Trabalho, destacando como sofrimento, reconhecimento e sentido são afetados pela uberização, pela gestão algorítmica e pelas transformações tecnológicas contemporâneas. Para alcançar esse objetivo, buscou-se integrar os resultados e argumentos presentes em quinze estudos atuais que abordam dimensões diversas do fenômeno laboral, incluindo precarização, intensificação, IA, plataformas digitais, saúde mental e reorganização subjetiva.

A metodologia adotada foi a Revisão Teórica Crítica, que possibilita construir interpretações integradas a partir do diálogo entre diferentes tradições teóricas e campos de pesquisa. Esse percurso metodológico permitiu identificar tensionamentos, convergências e lacunas na literatura, possibilitando desenvolver contribuições autorais que ampliam a compreensão sobre o trabalho contemporâneo. A análise crítica dos estudos selecionados permitiu reconhecer que o sofrimento atual assume formas híbridas, que combinam elementos materiais, tecnológicos e simbólicos, exigindo novas categorias teóricas capazes de descrever a complexidade do fenômeno.

A relevância deste estudo reside no esforço de articular campos que, embora se relacionem, têm dialogado pouco de maneira aprofundada: Psicodinâmica do Trabalho, inteligência artificial, uberização e futuro do trabalho. Ao integrar essas perspectivas, busca-se contribuir para a produção de conhecimento que ilumine as tensões emergentes do mundo

laboral e ofereça novas interpretações sobre a subjetividade do trabalhador em um contexto marcado por rápidas transformações técnicas e sociais.

A Psicodinâmica do Trabalho contribui significativamente para compreender essas transformações, pois evidencia que o sofrimento não emerge apenas das condições objetivas, mas, sobretudo, do modo como o sujeito interpreta e resignifica as contradições presentes no trabalho real. Para Dejours, a atividade sempre envolve uma distância entre o prescrito e o realizado, e é nesse espaço que se produz tanto o sofrimento quanto a possibilidade de criatividade e cooperação (Dejours, 1999). No entanto, em contextos atravessados por intensificação, algoritmos e instabilidade, essa distância se torna mais difícil de manejar, uma vez que o real do trabalho deixa de ser reconhecido pelas organizações. Assim, compreender o futuro do trabalho exige integrar as dimensões subjetivas, sociais e técnicas que moldam a experiência laboral e que influenciam diretamente a saúde mental, o reconhecimento e a construção de sentido.

REFERENCIAL TEÓRICO

1. Trabalho

O trabalho, em suas múltiplas expressões, constitui um dos principais organizadores da vida humana. A Psicodinâmica do Trabalho enfatiza que a atividade laboral é sempre atravessada por processos subjetivos que podem fortalecer ou fragilizar o sujeito, dependendo das condições em que ocorre. Dejours (1999) discute como o reconhecimento, a cooperação e a possibilidade de criar sentido são dimensões fundamentais para que o trabalho se torne um espaço de construção identitária. Em um trecho emblemático, afirma que: “A injustiça, quando repetida, transforma-se em parte da paisagem e deixa de ser percebida como tal, embora continue a produzir feridas invisíveis” (DEJOURS, 1999, p. 32)

Essa compreensão permite perceber como trabalhadores expostos a exigências contínuas, avaliações rígidas e ausência de retorno simbólico vivenciam formas de desgaste que ultrapassam o domínio das condições materiais. Estudos conduzidos por Lima e Alda (2024) analisam trajetórias de trabalhadoras essenciais e evidenciam que jornadas exaustivas, pressão emocional e falta de reconhecimento fragilizam o vínculo com a atividade, produzindo cansaço profundo e sensação de abandono (Lima; Alda, 2024)

Situação semelhante aparece na análise de professores da educação básica, cujos autores mostram como a intensificação das tarefas e a impossibilidade de desconexão geram invasão da vida privada e desgaste emocional contínuo (Silva e Fischer, 2020)

Assim, tanto em atividades essenciais quanto em campos como a docência, o trabalho revela-se como espaço onde o sujeito negocia, a cada dia, sua energia, sua identidade e sua saúde mental.

2. Trabalho, Precarização e Plataformas Digitais

A literatura recente aponta mudanças estruturais associadas à precarização e ao avanço das plataformas digitais. Antunes (2020) analisa a uberização como um processo que altera as bases da relação laboral, reduz vínculos, desloca responsabilidades e fragiliza proteções sociais.

Essa reorganização do trabalho reforça a instabilidade e cria condições que dificultam a elaboração de um sentido estável sobre a própria atuação profissional.

Autores que investigam o trabalho mediado por aplicativos mostram como a lógica da gamificação é utilizada para intensificar engajamento e aumentar o controle sobre o desempenho. Metas, pontuações e recompensas são estruturadas de modo a criar a impressão de autonomia, quando na realidade ampliam a vigilância e deslocam critérios de avaliação para sistemas automáticos (Oliveira, 2021)

Outros estudos, como os de pesquisadores dedicados à precarização digital, indicam que a dependência das avaliações dos usuários e dos algoritmos cria ambientes instáveis, afetando tanto a segurança econômica quanto a autopercepção de competência (Rodrigues e Lucca, 2024).

Essa vulnerabilidade aparece também nos relatos apresentados por pesquisadores que investigaram trabalhadores de entrega e transporte. Os autores identificam indignação, cansaço e rupturas simbólicas relacionadas à baixa remuneração, à sobrecarga e à ausência de reconhecimento institucional (Barros, 2021)

Esse conjunto de estudos evidencia que a precarização estruturada pelas plataformas digitais ultrapassa a dimensão contratual e se infiltra na própria maneira como os sujeitos compreendem sua dignidade profissional.

As contribuições de Antunes aprofundam esse debate ao demonstrar que a uberização representa uma etapa avançada da precarização estrutural do trabalho no capitalismo contemporâneo, marcada pela transferência sistemática de riscos e custos ao trabalhador e pela corrosão de vínculos laborais tradicionais (Antunes, 2020). Para o autor, as plataformas digitais não apenas reorganizam tarefas, mas instauram um modelo de gestão que despersonaliza as

relações e intensifica a exploração por meio de avaliações contínuas, metas invisíveis e disponibilidade permanente. Esse movimento insere o trabalhador em uma lógica de pseudoautonomia, na qual ele se percebe livre para gerir seu tempo, mas, na prática, está submetido a mecanismos de controle algorítmico que orientam ritmos, trajetórias e remuneração. A precarização deixa, portanto, de ser uma condição pontual para tornar-se uma forma estruturante do trabalho, afetando a identidade, a segurança e a estabilidade simbólica dos sujeitos.

3. Trabalho, Inteligência Artificial e Subjetividade

Os estudos dedicados à inteligência artificial demonstram que a introdução de sistemas automatizados impacta diretamente a subjetividade laboral. Pesquisas conduzidas por autores que examinam a relação entre IA e bem-estar mostraram que a automação de processos decisórios pode gerar insegurança, ansiedade e receio de substituição, sobretudo quando os critérios utilizados pelos sistemas não são transparentes (Giuntella; Konig e Stella, 2025)

Pesquisadores que estudam tecnologias epistêmicas analisam como a presença de sistemas inteligentes modifica a forma como profissionais constroem sentido sobre sua atuação. Esses autores mostram que a observação contínua, mesmo em tarefas qualificadas, altera parâmetros de validação da própria competência e reorganiza as expectativas de desempenho (Scarborough; Chen e Patriotta 2025).

Tendências identificadas por estudiosos do futuro do trabalho mostraram que a difusão da IA redefine funções, exige novas habilidades e reorganiza a vida laboral em nível global, criando tanto oportunidades quanto tensões subjetivas (Sarala *et al*, 2025)

Na dimensão emocional, autores que investigam a autopercepção de insuficiência mostraram como sistemas de avaliação contínua produzem sensação de falha permanente, culpa e desgaste emocional. Esses sentimentos, discutidos em pesquisas recentes, evidenciam que a pressão por desempenho e a comparação constante podem comprometer a estabilidade identitária e a autoconfiança (Carneiro Junior e Cardoso, 2023).

As obras analisadas revelam que o trabalho contemporâneo é atravessado por intensificação, precarização e algoritmização, afetando diretamente a subjetividade dos trabalhadores. As três subseções apresentadas mostram transformações que se manifestam na relação com o tempo, com a autonomia, com o reconhecimento e com a própria identidade profissional. As articulações críticas e a interpretação aprofundada dessas contribuições serão

desenvolvidas na seção de Discussão, na qual conectaremos os principais achados teóricos às questões centrais do artigo.

PERCURSO METODOLÓGICO

O percurso metodológico deste estudo desenvolveu-se a partir de uma Revisão Teórica Crítica, compreendida aqui como um modo de reencontrar diferentes tradições de pensamento e permitir que dialoguem entre si. Em vez de seguir um roteiro rígido de seleção e organização da literatura, procurou-se construir um caminho que acolhesse a complexidade das transformações contemporâneas do trabalho e as formas como essas mudanças atravessam a experiência humana. O ponto de partida foi a leitura atenta das obras que abordam sofrimento, precarização, reconhecimento, subjetividade, inteligência artificial e uberização, temas que, longe de serem isolados, revelam-se profundamente entrelaçados quando observados a partir da vida concreta dos trabalhadores.

A escolha das referências seguiu um movimento orgânico: aproximou-se textos clássicos da Psicodinâmica do Trabalho, estudos recentes sobre plataformas digitais, pesquisas sobre gestão algorítmica e análises que discutem o impacto da tecnologia sobre o sentido do trabalho. Em cada leitura, buscou-se perceber não apenas o que os autores afirmavam, mas também os silêncios, as entrelinhas e as tensões que emergiam ao colocar essas obras lado a lado. Esse exercício permitiu compreender que, embora muitas dessas análises partam de campos diferentes, elas tocam dimensões comuns da experiência laboral, o corpo, o reconhecimento, o desgaste emocional, as expectativas, as frustrações e as estratégias subjetivas de enfrentamento.

A partir dessas aproximações, iniciou-se um processo de interpretação que não visava comparar ou classificar estudos, mas compreender o que eles revelam quando são lidos em conjunto. Esse diálogo foi dando forma a um conjunto de reflexões que atravessam tanto a subjetividade quanto as condições materiais de trabalho. Alguns conceitos começaram a ganhar força ao longo do percurso, como a ideia de um sofrimento silencioso produzido pela mediação algorítmica e a sensação de orfandade simbólica que emerge quando vínculos humanos são substituídos por sistemas automatizados. Esses achados não surgiram como conclusões, mas como percepções que foram se construindo no encontro entre diferentes autores e diferentes modos de olhar para o trabalho contemporâneo.

Para organizar esse movimento interpretativo, é apresentado a seguir um quadro que sintetiza os quatro gestos analíticos que orientaram a revisão, não como etapas rígidas, mas como movimentos que se entrelaçam e se retroalimentam ao longo do processo.

Quadro 1 – Movimentos interpretativos da revisão teórica crítica

Movimento	Descrição
1. Seleção dos textos	Aproximação de obras que tratam do sofrimento, da subjetividade e das transformações contemporâneas do trabalho, considerando a força interpretativa de cada uma para iluminar o fenômeno estudado.
2. Leitura crítica	Identificação das tensões, convergências e silêncios presentes nos textos, buscando compreender o que eles revelam e o que deixam de nomear sobre a experiência laboral.
3. Articulação teórica	Encontro entre diferentes tradições, permitindo que conceitos, narrativas e perspectivas se iluminem mutuamente e revelem novas dimensões da realidade analisada.
4. Síntese reflexiva	Construção de conceitos e interpretações que emergem do diálogo entre as obras, oferecendo novas formas de compreender o trabalho, a subjetividade e os impactos das tecnologias digitais.

Fonte: Elaborado pelos autores(2025)

Ao retomar o texto após o quadro, é importante destacar que esses movimentos não aconteceram de maneira linear. Eles se cruzaram de modo contínuo: ler um autor convidava a revisitar outro; uma tensão conceitual abria espaço para novas articulações; uma narrativa empírica iluminava uma categoria teórica. Esse vaivém permitiu que a revisão se construísse de modo vivo, acompanhando a complexidade e a delicadeza das questões que atravessam o trabalho na era digital.

A síntese final desse percurso não se apresenta como um modelo fechado, mas como um conjunto de interpretações que buscam dar visibilidade à experiência humana em um cenário marcado por intensificação, algoritmização e fragilização dos vínculos. Ao colocar em diálogo diferentes modos de compreender o trabalho, este estudo procura ampliar o horizonte das discussões sobre sofrimento, reconhecimento e busca por sentido, respeitando a densidade emocional e simbólica que constitui o cotidiano de quem trabalha.

DISCUSSÃO

A Psicodinâmica do Trabalho oferece um ponto de partida fundamental para interpretar as evidências reunidas nos quinze estudos que compõem esta análise. Dejours (1999) demonstra que o sofrimento emerge do confronto entre o real e o prescrito, e que a saúde depende da possibilidade de o sujeito transformar esse sofrimento em ação criadora por meio do reconhecimento. Nos estudos de Lima e Alda (2024), isso aparece de forma evidente nas vivências de trabalhadoras essenciais, que relatam sentimentos de invisibilidade e desgaste

constante, indicando que o real de suas tarefas não encontra espaço de validação simbólica. De modo semelhante, Carneiro Junior e Cardoso (2023) mostram que o docente hiperconectado enfrenta tensões permanentes entre exigências institucionais e limitações concretas, reforçando o descompasso entre a tarefa real e a lógica da produtividade.

A partir desse panorama, emerge o conceito de erosão narrativa do trabalho, observável nas narrativas de desgaste relatadas por motoristas e entregadores em Rodrigues e Lucca (2024), que descrevem rupturas identitárias e dificuldade de compreender o próprio percurso profissional. A instabilidade produzida pelas plataformas impede a construção de uma trajetória coerente, fenômeno também relatado por Oliveira (2021), que aponta como a gamificação intensifica o ritmo de trabalho e fragmenta as possibilidades de continuidade simbólica. Em ambientes marcados por metas variáveis e avaliações instantâneas, a narrativa profissional se desfaz, dificultando o reconhecimento de si e a elaboração de sentido.

Outro fenômeno recorrente na literatura é a experiência de isolamento e desamparo, característico da orfandade simbólica do trabalhador. Em Pereira *et al.* (2023), observa-se que a pressão por hábitos produtivos e saudáveis esconde sentimentos de inadequação e culpa gerados pela ausência de apoio institucional. Em Giuntella, Konig e Stella (2025), os efeitos emocionais da inteligência artificial reforçam esse quadro, indicando que sistemas automatizados substituem interações humanas que antes sustentavam a identidade profissional. A falta de vínculos coletivos também aparece em Lima e Alda (2024), quando trabalhadoras essenciais relatam que se sentem abandonadas justamente quando mais necessitam de suporte organizacional.

9

Essa ampliação das tensões subjetivas contribui para o que aqui se denomina campo afetivo expandido do sofrimento, observável nos resultados de Wechsler e Rani-Yonamine (2025), que demonstram como o desgaste emocional se prolonga para além do ambiente de trabalho durante a pandemia. Da mesma forma, Carneiro Junior e Cardoso (2023) revelam que a hiperconexão docente produz sofrimento contínuo, sem fronteiras entre vida profissional e pessoal. Esses achados permitem compreender por que a exaustão descrita nos estudos é difusa, persistente e resistente a estratégias individuais de autocuidado.

Os artigos que abordam inteligência artificial apresentam outro fenômeno importante: o deslocamento da validação das competências para sistemas automatizados. Nos estudos de Scarbrough, Chen e Patriotta (2024), observa-se que tecnologias epistêmicas alteram a forma como os profissionais interpretam a própria expertise. Esse movimento fundamenta o conceito de deslocamento epistêmico da competência, no qual as habilidades tradicionais perdem valor

dante de métricas digitais que não captam o real do trabalho. Giuntella, Konig e Stella (2025) reforçam esse cenário ao mostrar que o uso crescente de IA intensifica sentimentos de insegurança, gerados pela dependência de indicadores automatizados para definir desempenho e valor.

Essa transformação afeta diretamente o reconhecimento, que passa a ser concedido de maneira fragmentada, instável e insuficiente. Surge, então, o conceito de reconhecimento fraturado, evidenciado nos relatos de Oliveira (2021), nos quais as avaliações dos usuários substituem a apreciação profissional e criam uma dinâmica instável de legitimação. Rodrigues e Lucca (2024) mostram que entregadores oscilam entre momentos de visibilidade e apagamento, dependendo de notas e algoritmos que operam sem transparência. Esse reconhecimento irregular contribui para a fragilidade identitária e intensifica o sofrimento.

Esses fenômenos ganham densidade quando articulados à crítica estrutural apresentada por Antunes (2020), que mostra que a uberização e a plataformaização não constituem apenas formas alternativas de trabalho, mas expressam a precarização como lógica organizadora da produção contemporânea. Nos estudos analisados, esse processo se manifesta como insegurança econômica, instabilidade simbólica, perda de vínculos e transferência contínua de riscos para o trabalhador. As evidências apresentadas por Lima e Alda (2024), Rodrigues e Lucca (2024) e Oliveira (2021) confirmam que a precarização repercute diretamente nas dimensões subjetivas, produzindo danos existenciais que não se explicam apenas pela falta de direitos, mas pelo desmonte das bases simbólicas do reconhecimento.

Ao integrar esses elementos, torna-se evidente que o trabalho contemporâneo mobiliza forças estruturais e subjetivas que se entrelaçam, produzindo fenótipos complexos de sofrimento e instabilidade. A análise dos quinze estudos mostra que o futuro do trabalho não pode ser compreendido isoladamente como avanço tecnológico, mas como reconfiguração profunda das relações sociais, da experiência subjetiva e das formas de construção de sentido. Os conceitos desenvolvidos nesta revisão teórica: erosão narrativa, orfandade simbólica, campo afetivo expandido, deslocamento epistêmico da competência e reconhecimento fraturado, sintetizam a contribuição teórica desta pesquisa e oferecem novas possibilidades interpretativas para compreender o trabalhador em um cenário marcado por precarização estrutural, IA e transformações socioprodutivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações que atravessam o trabalho na contemporaneidade revelam que os processos de precarização, intensificação e algoritmização não apenas reorganizam o modo como as atividades são realizadas, mas também incidem profundamente na forma como os sujeitos constroem sentido e se reconhecem em suas trajetórias profissionais. A análise integrada dos quinze estudos permitiu compreender que a subjetividade do trabalhador se encontra no centro dessas mudanças, sendo afetada por dinâmicas materiais e simbólicas que se entrelaçam e ampliam a complexidade do fenômeno laboral.

A partir da lente da Psicodinâmica do Trabalho, tornou-se possível evidenciar que o sofrimento, hoje, assume formas híbridas e mais difusas, muitas vezes silenciosas, que se manifestam no cotidiano e se infiltram na vida pessoal. As contribuições autorais desenvolvidas, como erosão narrativa do trabalho, orfandade simbólica, campo afetivo expandido do sofrimento, deslocamento epistêmico da competência e reconhecimento fraturado, oferecem caminhos interpretativos inéditos para compreender como os trabalhadores elaboram suas experiências em ambientes marcados por instabilidade, controle algorítmico e fragilidade do reconhecimento. Esses conceitos ampliam o alcance das discussões já existentes e apontam para dimensões subjetivas que ainda carecem de investigação mais aprofundada.

As análises também mostram que o futuro do trabalho não pode ser compreendido como um destino determinado por forças tecnológicas. Ele é fruto de escolhas políticas, institucionais e organizacionais que influenciam diretamente a vida dos trabalhadores. A presença da inteligência artificial, por exemplo, não é apenas uma questão técnica, mas uma força que redefine as formas de avaliar o desempenho, de organizar tarefas e de construir valor simbólico. Da mesma maneira, a uberização não impacta apenas o vínculo contratual, mas interfere na própria capacidade de o sujeito sentir-se pertencente e reconhecido em sua atividade.

Esse panorama revela a necessidade urgente de fortalecer práticas de gestão, políticas públicas e dispositivos de cuidado que reconheçam o trabalhador como sujeito de desejo, de vulnerabilidade e de potência criativa. A compreensão de que o sofrimento não é falha individual, mas expressão de contextos laborais que desestruturam pactos de reconhecimento, abre caminhos para intervenções mais éticas, responsáveis e humanizadas. A ciência do trabalho, nesse sentido, é convocada a produzir análises que articulem subjetividade, tecnologia e condições sociais, evitando leituras reducionistas que isolam fenômenos interdependentes.

As reflexões apresentadas também reforçam que o futuro do trabalho depende de escolhas institucionais e políticas que enfrentem a precarização e restabeleçam formas coletivas de proteção. Antunes argumenta que a desregulação promovida pelas plataformas e pela

Indústria 4.0 aprofunda desigualdades e fragiliza a capacidade de ação do trabalhador (Antunes, 2020), tornando urgente a criação de mecanismos que restituam direitos, visibilidade e reconhecimento. Ao integrar essa perspectiva ao campo da Psicodinâmica do Trabalho, torna-se possível compreender que a saúde mental e a construção de sentido não podem ser alcançadas apenas por estratégias individuais, mas requerem ambientes laborais que reconheçam o real da atividade e ofereçam condições dignas de pertencimento.

Por fim, este estudo evidencia que o debate sobre o futuro do trabalho precisa incorporar a centralidade do humano como princípio orientador. A articulação entre Psicodinâmica do Trabalho, tecnologias emergentes e novas formas de organização laboral permite avançar na compreensão do que está em jogo quando o trabalho se transforma. As contribuições aqui apresentadas não encerram o debate, mas abrem possibilidades de investigação, convidando pesquisadores, profissionais e instituições a refletirem sobre como construir ambientes de trabalho que preservem a dignidade, a saúde mental e a possibilidade de criar sentido. Ao integrar diferentes perspectivas e propor categorias analíticas originais, este artigo busca contribuir para uma ciência comprometida com a compreensão profunda e ética da experiência humana no trabalho.

12

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Wilson Aparecido Costa de. “Futuro do trabalho no Brasil: cuidar das instituições”. Revista de Administração de Empresas, v. 60, n. 5, p. 371-377, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-759020200507> Acesso em: 06 out. 2025.

ANTUNES, R. (org.). *Uberização, trabalho digital e Indústria 4.0*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020. Recurso eletrônico. ISBN 978-65-5717-012-0.

BARROS, Caetano Patta da Porciuncula e. “Tá achando que nós é escravo? Tô fora!”: classificação, autonomia e trabalho plataformizado no Brasil”. *Tempo Social*, São Paulo, Brasil, v. 37, n. 2, p. 1-28, 2025. DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2025.233284. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ts/article/view/233284>. Acesso em: 5 dez. 2025.

CARNEIRO JUNIOR, J. A.; CARDOSO, M. L. M. “Sinto que estou sempre a falhar”: o dano existencial decorrente da hiperconexão do teletrabalhador docente”. *Educação e Pesquisa*, v. 49, p. e267098, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202349267098> Acesso em: 06 nov. 2025.

DEJOURS, Christophe. *A banalização da injustiça social*. Tradução de Luiz Alberto Monjardim. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

GIUNTELLA, Osea; KONIG, Jannes; STELLA, Luca. “Inteligência artificial e o bem-estar dos trabalhadores”. *Scientific Reports*, v. 15, p. 20087, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41598-025-98241-3> Acesso em: 06 nov. 2025.

GU, Qian Cecília; ANDREWS, Daniel S.; WANG, Heli; CHEN, Victor Zitian. “Gestão de partes interessadas e complementaridade de recursos: desempenho da empresa em meio a crises sistêmicas”. *Journal of Management Studies*, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/joms.70045> Acesso em: 01 dez. 2025.

LIMA, L. C.; ALDA, J. V. “Trabalhadoras essenciais abandonadas: psicodinâmica do trabalho e saúde mental de caixas de supermercado durante a pandemia de covid-19”. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, v. 49, p. edsmsubj8, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2317-6369/28222pt2024v49edsmsubj8> Acesso em: 03 jul. 2025.

OLIVEIRA, Renata Couto de. “Gamificação e trabalho überizado nas empresas-aplicativo”. *Revista de Administração de Empresas*, v. 61, n. 4, p. 1-15, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-759020210407>. Acesso em: 10 nov. 2025.

PEREIRA, Rafael Mesquita; TRIACA, Lívia Madeira; OLIVEIRA, Cristiano Aguiar de; VILELA, Guilherme da Fonseca. “Hábitos saudáveis e o mercado de trabalho: uma análise quantílica para o Brasil” [Healthy habits and the labor market: a quantile analysis for Brazil]. *Revista Brasileira de Economia*, v. 77, n. 3, p. 341-369, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0304>. Acesso em: 03 nov. 2025.

13

RODRIGUES, N. L. P. R.; LUCCA, S. R. de. “Precarização do trabalho em plataformas digitais: narrativas de desgaste e desalento de motoristas e entregadores”. *Saúde em Debate*, v. 48, n. 143, p. e9270, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2358-289820241439270P> Acesso em: 01 dez. 2025.

SARALA, Riikka M.; POST, Corinne; DOH, Jonathan; MUZIO, Daniel. “Avançando a pesquisa sobre o futuro do trabalho na era da inteligência artificial (IA)”. *Journal of Management Studies*, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/joms.13195> Acesso em: 04 dez. 2025.

SCARBROUGH, Harry; CHEN, Yaru; PATRIOTTA, Gerardo. “The AI of the beholder: intra-professional sensemaking of an epistemic technology”. *Journal of Management Studies*, v. 62, p. 1885-1913, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/joms.13065> Acesso em: 06 jun. 2025.

SILVA, Jefferson Peixoto da; FISCHER, Frida Marina. “Invasão multiforme da vida pelo trabalho entre professores de educação básica e repercussões sobre a saúde”. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, Brasil, v. 54, p. 3, 2020. DOI: [10.11606/s1518-8787.2020054001547](https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2020054001547). Acesso em: 01 nov. 2025.

WECHSLER, A. M.; RANI-YONAMINE, A. C. Z. “Quality of life of health professionals during the COVID-19 pandemic”. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 41, p. e41503, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e41503.en> Acesso em: 02 dez. 2025.

